

O imaginário romântico do Rio Douro: Dos viajantes na primeira metade do século XIX aos nossos dias

The romantic imaginary of the Douro river: From travellers in the first half of the 19th century to the present day

Didiana Fernandes
Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego, Instituto Politécnico de Viseu
dfernandes@estgl.ipv.pt

Isabel Vieira
Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego, Instituto Politécnico de Viseu
ivieira@estgl.ipv.pt

Resumo

A proposta deste trabalho é destacar uma entre as várias possibilidades de leitura das viagens pelo rio Douro nos relatos de viagem produzidos por estrangeiros que visitaram o Alto Douro Vinhateiro, na primeira metade do século XIX, em contraponto com algumas leituras do presente. Recorreu-se à análise de documentos como método de pesquisa central. Como género específico, a literatura de viagem retrata a representação do espaço, possibilitando reconstituir o que podemos chamar viagens do passado e como construções culturais do seu tempo. Mas, mais do que o exame das narrativas de viagem, a pesquisa inscreve-se no campo das formas de se deslocar para e pelo rio, de permanecer nos lugares, o compor a paisagem. O presente estudo examina ainda a produção informativa constante nos guias de viagem da época, os textos encontram-se impregnados de descrições do rio Douro, da área de vinha rochosa, dos terraços, dos seus afluentes e das encostas vertiginosas do vale do Douro. Mas, também são emocionantes os relatos das difíceis jornadas empreendidas no rio Douro, nos frágeis barcos rabelos, face à necessidade

de vencer a irregularidade do leito do rio, à data cheio de perigos. Perante as más condições das vias terrestres na região do Alto Douro, a via fluvial foi sempre a mais apetecível. De facto, até ao aparecimento das vias ferroviárias, as vias fluviais detinham um papel de fuga face ao isolamento a que a região se encontrava votada. O rio Douro foi caminho do vinho e manteve a união dos durienses perante a adversidade do rio. Hoje, com a navegação segura, o turismo fluvial surge como um produto dinamizador e tem ganho enorme visibilidade no rio Douro, sempre assente na visão romântica que perpetua.

Palavras-chave

Rio Douro • Literatura de viagens • Viajantes • Paisagem • Romantismo

Abstract

The purpose of this paper is to highlight one of the several possibilities of reading the travels along the

Douro river in travel narratives produced by foreigners who visited the Alto Douro Wine Region in the first half of the 19th century, in contrast with some presentday readings. Document analysis was used as the main research method. As a specific genre, travel literature portrays the representation of space, making it possible to reconstitute what we may call journeys of the past and as cultural constructions of their time. But, more than the examination of travel narratives, the research is inscribed in the field of the ways of moving to and through the river, staying in places, the composing the landscape. This study also examines the information contained in the travel guides of the time; the texts are full of descriptions of the Douro river, the rocky vineyards, the terraces, its tributaries and the vertiginous slopes of the Douro valley. But the stories of the difficult journeys undertaken on the Douro river in the fragile rabelo boats are also exciting, given the need to overcome the irregularity of the riverbed, which has long been full of dangers. Assumed the poor conditions of the land routes in the Alto Douro region, the river route was always the most attractive. In fact, until the advent of the railways, the river had a role of escape from the isolation to which the region was condemned. The Douro river was the wine route and maintained the unity of the Douro people in the face of the river's adversity. Today, with safe navigation, river tourism has emerged as a dynamic product and has gained enormous visibility in the Douro river, always based on the romantic vision that it perpetuates.

Keywords

Douro river • Travel literature • Travellers • Landscape • Romanticism

1. Introdução

Esta investigação tem em vista revelar as leituras que o rio despertava nos que o visitavam, sendo que estes olhares se reportavam a uma vivência temporária e ausente de raízes, embora se saiba que a história e a situação económica e conjuntural da região se encontram sempre na bagagem de quem viaja, sendo as suas visões um reflexo desta amálgama de informações e sentimentos.

E porquê viajantes? Como respeitar os seus testemunhos? O que se pode apreender? Como articulá-los? Qual a sua utilidade enquanto fontes para os Estudos Locais e Regionais? Muito embora não se pretenda discutir de um ponto de vista literário a expressão “literatura de viagens” tendo em conta

as suas múltiplas interpretações, impõe-se analisar a validade e a utilização destes relatos no panorama de investigação, particularmente no reconhecimento de espaços no passado.

Será que um relato possibilita apreender um território e conceber como “era” a paisagem ou dada região, nas suas particularidades, debilidades e vocações? Imperativo abordar algumas modalidades de entendimento da paisagem vinculadas a práticas de viagem de diversa índole e, em particular, na construção da paisagem, na tentativa de elaborar uma imagem da organização humana no passado.

E quem escreveu essas histórias? De que viajantes nos apropriamos? Que narrativas deixaram? Sobre o que escreveram? Para quem? O que os motivava? Que representações possuíam inicialmente e quais construíram? De que forma a linguagem do Romantismo, à luz dos paradigmas culturais da época, está presente nos guias de viagem?

Após estas considerações indispensáveis no entendimento da desconstrução subsequente, será concretizada a viagem pelo Rio Douro. Mesmo elegendo relatos alusivos à primeira metade do século XIX e a um mesmo espaço geográfico, surgem diferentes olhares e diferentes escritas.

A leitura prende-se com o estudo de conceitos que, de algum modo, pudessem traduzir a realidade espacial dos viajantes e dos durienses no período em análise, ou seja, rasgos básicos da geografia do rio através dos viajantes: o espaço Douro – água, solo e vertentes. Mas, sabendo que a viagem nunca se pode dissociar dos meios e das formas de viajar, centrámo-nos nas jornadas por esta via de comunicação a par do indissociável relato da paisagem.

Por fim, uma das questões que mais nos interessou começa a revelar-se mais nítida: de que forma a representação do rio Douro foi sendo apreendida, relatada e sucessivamente reestruturada e ressignificada? E qual a sua ligação com a produção discursiva atual?

2. Metodologia de investigação

Este é um trabalho desenvolvido num contexto multidisciplinar, porque falar de viagens e de literatura de viagens remete-nos para o turismo, campo de estudo que utiliza um conjunto misto de conhecimentos que interligam técnicas científicas distintas.

2.1. Método de pesquisa

Tendo em conta os objetivos, o conteúdo e o contexto da investigação, a escolha da metodologia recaiu sobre a abordagem qualitativa, uma vez que esta se mostra

adequada para compreender a natureza de fenómenos sociais e proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema (Kripka *et al.*, 2015).

Neste trabalho, recorreu-se à análise de documentos como método de pesquisa central, sendo que, neste caso, os documentos são o alvo de estudo por si próprios.

A investigação incidiu, num primeiro momento, na análise dos reportórios bibliográficos sobre livros de viagem editados desde os finais do século XIX, que nos revelaram uma tendência para definir o que é um livro de viagens.

Num segundo momento, procedeu-se à elaboração de uma base de dados sobre fontes, relatos de viagem e materiais iconográficos relativos à viagem e imagem de Portugal.

Após a pesquisa sistemática em arquivos, a recolha centrou-se nos fundos documentais de bibliotecas nacionais e estrangeiras detentoras destes manuais.

Na análise documental, é frequente a quantidade de material existente ser excessiva para o tempo de que o investigador dispõe, vendo-se este, assim, obrigado a adotar uma estratégia de seleção de fontes que deverá ser adequada e justificável perante a finalidade do seu trabalho.

Cada relato descreve vários locais, efetuando anotações da paisagem, ou melhor, das paisagens, perdendo-se entre informações práticas e divagações que, muitas vezes, dificultam a análise e a recolha de informações. Deste modo, tornou-se imperativo produzir uma grelha de observação textual que culminou na elaboração do instrumento de recolha de informação, permitindo não só uma melhor análise qualitativa da informação, mas também um trabalho sistémico.

Após a inventariação das necessidades de informação e a seleção das variáveis de pesquisa, foi efetuada uma consulta e observação exaustivas das fontes selecionadas, nas diversas instituições detentoras das mesmas e uma posterior análise de conteúdo das obras.

2.2. Fontes e Corpus

Para além dos critérios de seleção de relatos de viagem, outras limitações surgem naturalmente. Se, na generalidade, os viajantes que se deslocavam a Portugal não visitavam o país vinhateiro, os que o faziam eram maioritariamente ingleses. Aceitamos que, dada a maior proliferação de estudos acerca deste tipo de textos no universo anglo-português, tivéssemos encontrado maior número de relatos de viajantes ingleses do que de outras nacionalidades. Acresce a secular presença dos ingleses no negócio do vinho do Porto ampliando o interesse pelo país do vinho.

A época escolhida, a primeira metade de Oitocentos, quando surgiu o romantismo em Portugal, partindo precisamente dos reportórios bibliográficos gerais, foi um período de intensificação das viagens de estrangeiros ao nosso país, cruzando-se com as Invasões Francesas e com a Guerra Civil (Coelho, 1992: 119). Assim, visámos encontrar relatos que revelassem uma visita mais conotada com motivações associadas a escolhas pessoais e ao lazer e menos a um carácter de obrigatoriedade.

Obviamente que a primeira opção passou pela observação mais demorada dos textos escritos por viajantes que, de facto, se deslocaram até ao Alto Douro na primeira metade do século XIX. Dos cerca de 30 relatos pessoais analisados, apenas 6 escritores visitaram o Alto Douro (Tabela 1).

Perante o reduzido número de relatos selecionados, e apesar da razoável dimensão dos mesmos, quase todos acusam estadas curtas de três a quatro dias, excluindo a incursão de William Henry Giles Kingston que dura, na sua primeira visita ao Alto Douro, perto de 10 dias. Deste modo, procurou-se, sempre que possível, captar informação inclusa nos relatos que continham descrições acerca da região do Porto e a sua ligação ao Vale do Douro. Do total de obras analisadas, cerca de 27% das mesmas apresentam estas características. No entanto, a maioria, 53% dos autores, não se desloca a esta cidade ou mesmo ao Norte de Portugal. De facto, a maioria dos relatos de viagem escritos sobre Portugal, nos limites cronológicos impostos, reporta-se a Lisboa e às áreas envolventes. E ainda que alguns se tivessem deslocado ao Norte do país, esta incursão particulariza-se no Porto. Embora o País do Vinho despertasse interesse paisagístico, a região do interior norte foi descoberta por uma minoria.

	Referência Porto/Alto Douro, 8
Ausência, 16	Visita ao Douro, 6

TABELA 1.
Presença/ausência do Douro na narrativa dos autores

Centremo-nos, pois, naqueles que efetivamente se deslocaram ao País do Vinho. Destes, dois autores viajaram pelo Douro no virar do século XVIII, outros dois durante o período da Revolução Liberal e os restantes já no final da primeira

metade do século XIX. As cartas de Costigan, que compõem uma obra de grande circulação, *Sketches of society and manners in Portugal*, publicada pela primeira vez em Londres em 1787, revelam-nos uma viagem pelo território português, que passa pelo país vinhateiro, no regresso de Almeida, por S. João da Pesqueira, tecendo breves considerações acerca da jornada empreendida e acerca da paisagem envolvente. Link oferece-nos um conjunto de rotas e percursos estabelecidos de norte a sul no nosso país, durante o ano de 1799, enquanto acompanhava o conde de Hoffmannsegg à procura de espécies botânicas desconhecidas. Da edição analisada – *Voyage en Portugal, fait depuis 1797 jusqu'en 1799*, o que nos deteve particularmente foram os capítulos dedicados ao percurso estabelecido entre o Marão e Pezo da Régua e à cultura da vinha, respetivamente, e ainda o trajeto entre *Villaréal e Pezo da Régua* a caminho do campo da Villariça.

Todos os outros relatos pelo país do vinho são de individualidades inglesas já terminadas as Invasões Francesas e com o cidadão estrangeiro habituado a ler sobre Portugal dada a proliferação de narrativas surgidas neste período e editadas em Inglaterra e em França. Deste modo, na primeira metade de século, a necessidade de dar a conhecer o povo português e as suas características vai gradualmente diminuindo. Porém, com a Revolução Liberal, as obras de literatura de viagens ainda surgem e a presença inglesa em Portugal leva à necessidade de atualizar a informação acerca de um país em mutação. Na generalidade, os relatos votados à época das lutas liberais excluem-se de pormenores ligados aos costumes e descrições paisagísticas; porém, o Conde de Carnarvon, na verdade, Henry John George Herbert, deixa-nos uma obra – *Portugal and Galicia: With a review of the social and politica state of the Basque Provinces* – relativa a uma viagem que empreende em Portugal durante o ano de 1827, na qual alude às tradições e ao carácter dos portugueses e onde tece considerações pessoais e interessantes nomeadamente no seu trajeto entre a cidade do Porto, o Marão e Lamego. Deve-se igualmente destacar William Morgan Kinsey, um eclesiástico da Igreja Anglicana que percorre Portugal durante as lutas entre miguelistas e liberais, escrevendo, durante o ano de 1827, uma obra – *Portugal illustrated*, repleta de informação e que face à região em estudo se debruça sobre os vinhos, sobre a história da criação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, sobre a navegabilidade do rio, empreendendo a viagem aventureira de barco, pelo Douro, no seu regresso da Régua ao Porto.

Já numa data mais tardia, Kingston redige os seus *Lusitanian sketches* em momentos diferentes dos

dois anos de residência no Norte de Portugal – 1844 e 1845 – tal como é mencionado no prefácio da obra.

Já para os primeiros anos da década de 1850, analisou-se o livro de Oldknow – *A month in Portugal*, que reflete uma curta estada em Portugal, cerca de um mês, percorrendo, no entanto, grande parte do território, nomeadamente o eixo Mesão Frio – Régua – Lamego.

Em todos os autores, algumas características comuns: todos dialogam com o leitor, contam uma história de viagem, própria deste tipo de literatura; todos tecem muitas considerações acerca do “Paiz do Vinho” e vão a vaguear pelas informações que haviam obtido e pelas que vão recolher; todos fazem quase que o relato diário da viagem, o que nos levou a prosseguir os seus trajetos, tornando-as narrativas voltadas para a recreação do leitor. Uma linguagem, própria da época romântica que vivenciavam, gera novos valores históricos, sociais e culturais.

Ao longo da primeira metade de Oitocentos, denota-se uma tendência para que as narrativas se voltem mais para um género literário mais “recreativo”, ou com a inclusão das experiências dos autores nas suas viagens, ou pela produção de publicações de carácter puramente orientador. Estes começam a ser imprescindíveis pelas informações práticas incluídas, tendo em conta a evolução das deslocações e do número de viajantes. Quanto mais a viagem se institucionaliza, mais instruções práticas são necessárias e, neste sentido, optou-se pela análise de guias de viagem, tidos como literatura utilitária. Embora se compreendam as manifestas limitações dos guias de viagem, o que nos cabe destacar será a sua função de contribuir para “musealizar” (Vicente, 2003: 153) os países que abordavam. Sugerem a escolha de caminhos, destacam objetos de coleções vastas, para que os visitantes se concentrem no fundamental, sem perder tempo com exemplares menores (Vicente, 2003: 152-154).

Os guias de viagem foram também formas de apreensão do espaço que contribuíram para a divulgação ou construção de imagens acerca de novos lugares. Na nossa abordagem, considerámos manuais simples e relativamente desconhecidos e guias publicados por conhecidas editoras que encontraram grande projeção europeia (Fernandes, 2014). Destas obras, um terço, ou seja, 33% do universo estudado, sugere itinerários pela região do Alto Douro, tendo sido, assim, utilizados na análise da perceção das formas mais comuns e aconselhadas aos viajantes para alcançarem e de deslocarem na região. No entanto, há que ressaltar que, dos guias que contêm descrições da região do Alto Douro, cerca de 75% correspondem a de edições de fim de metade do século, denotando uma tardia divulgação da região em estudo.

3. Os relatos de viagem como fontes de estudo

Identificar as viagens de hoje com esta prática na época em estudo não tem igualmente qualquer consistência. O género de narrativas que estudámos é considerado por inúmeros autores como uma etapa fundamental no ato de viajar, sendo possível criar uma marca de distinção e um percurso individual através da escrita (Vicente, 2003: 27).

Mas a expressão “literatura de viagens” levanta alguma polémica no tocante à sua utilização como fonte de investigação, porque se reporta a testemunhos deixados acerca das passagens dos viajantes por outros locais que não os deles. Adams (1988) que dedicou grande parte da sua investigação a esta temática, defende que a literatura de viagens tem sido, ao longo dos séculos, tão popular como qualquer outro tipo de literatura, sendo, no entanto, muitas vezes negligenciada. Ao longo dos tempos, este género tem sido utilizado como fonte de informação, tendo proliferado, nos últimos anos, os estudos sobre a Viagem e sobre a perceção da sua relevância para o conhecimento das atitudes perante um dado espaço estrangeiro, geográfico, social e cultural (Coelho, 2003: 10). Estes testemunhos poderão ser de variada ordem, “desde o escrito mais ou menos autobiográfico e memorialista até ao relato de viagem, passando pelo relatório e apreciação de índole puramente comercial ou científica” (Clara, 1991: 57), e, apesar da evidente subjetividade que caracteriza estas obras e do “problemático relativismo que é característico da perspetiva dos viajantes”, este tipo de relatos poderá constituir uma fonte quase inesgotável para o conhecimento da realidade, neste caso portuguesa, em momentos específicos na história e, como tal, fontes incontornáveis. No entanto, há que fazer a sua utilização, ponderando sempre a “intrínseca subjetividade das mesmas, os seus vestígios caricaturais e metafóricos” (Clara, 1991: 65).

Nesta perspetiva, defendemos serem sempre novas formas de olhar: é através dele que se avaliam as mudanças no espaço e se captam as diferenças culturais (Rojek & Urry 1997: 5). O território estrangeiro é uma novidade, mas também um espaço de aprendizagem. Desde sempre se escreveu acerca da “Arte de Viajar” (expressão encontrada no título do livro de Alain de Botton, *A arte de viajar*, de 2004, próxima da visão do estrangeiro, a sua recriação do Outro e a natural atração pelo desconhecido).

A questão coloca-se: como interpretar as paisagens ao analisar um relato ou uma narrativa? Quais os seus significados? Até porque a atividade percetiva parece condicionar a atitude descritiva e esta última indicia a consciência do exercício da perceção como

o lugar de uma escolha, de uma discriminação e, por isso, de uma produção de sentido (Buescu, 1990: 181).

4. O Rio Douro nos relatos dos viajantes

A primeira metade do século XIX foi para Portugal uma época de guerra e golpes militares pouco propícios às viagens e deslocações. Mas, paradoxalmente, fizeram despertar o interesse pelo país e uma certa curiosidade por esta periferia europeia. Surgem os viajantes que, teimosamente e com motivações díspares, circulam nas nossas estradas, superam as dificuldades e percorrem o território.

Assim sendo, se são inúmeros os relatos escritos sobre viagens no Portugal do século XVIII, muitos mais são os que se situam no século posterior. Entre uns e outros, as diferenças são notáveis, até porque as obras literárias, na sua generalidade, não se podem alienar da época em que foram escritas. Mais ainda, tratando-se de literatura de viagens onde as descrições abordam sempre questões da atualidade política e social. As motivações para a viagem e os objetivos e predisposição dos viajantes começam a alterar-se. Esta começa a ser encarada mais como uma experiência para a alma do que uma atividade intelectual, mais uma satisfação pessoal e individual, do que uma experiência para benefício da sociedade, através dos conhecimentos acumulados (Serrano, 1993: 1).

A narrativa do viajante do século XVIII foi dando lugar à escrita do viajante dito romântico do século XIX, mais sensível a novas experiências. E, se Portugal não era assim tão distante geograficamente, era seguramente um reino desconhecido e como tal aliciente para os ditos românticos, em busca do extraordinário e distante do seu quotidiano. De facto, sustenta-se ainda, no período cronológico em análise, a ideia de que, embora europeus, os portugueses eram povos do Sul, “território longínquo no tempo e no espaço, conotado com barbárie e incivilização, mas, também por isso, simultaneamente sonhado e desejado” (Coelho, 2003: 8).

O viajante romântico permite-se a sentimentos próprios, sendo muitas vezes o protagonista da viagem, ocupando não só o lugar de narrador, mas também tecendo comentários acerca do seu estado de espírito. As descrições perduram, porém, menos na perspetiva descritiva e procurando mais a diferença e a identidade do local, face à sua própria realidade observada. Os viajantes românticos passaram por caminhos semelhantes aos das décadas anteriores;

porém, estes denotavam um espírito contemplador para com a paisagem, com a qual se extasiavam.

Será precisamente esta sensibilidade que determinará uma perceção da paisagem mais complexa, mais como um tema em si mesmo. Dentro deste contexto, poder-se-á justificar o papel da busca do exótico como corrente impulsionadora das viagens em Portugal, viajantes atraídos por terras periféricas, mais distantes e tradicionais.

Estes interesses levam-nos ao propósito da viagem, que obviamente influenciava a forma de escrever o relato. Será difícil encontrar o protótipo do viajante que percorreu Portugal na primeira metade do século XIX, sendo estudiosos ou eruditos que aproveitaram a sua estada em Portugal para conhecer os seus costumes, manifestações culturais, históricas, sendo que o objetivo principal se transformava numa transmissão de conhecimentos e, para tal, muitas vezes, compilavam informação sobre os aspetos geográficos, económicos, históricos e etnográficos. Quando se encontram relatos menos rigorosos no seu conteúdo informativo e descritivo sobre o espaço, sente-se mais presente o espírito do romantismo e, conseqüentemente, uma qualidade literária diferente, mais próxima do leitor. Conjuntamente não se pode falar de rutura entre os relatos do início e do fim da primeira metade do século XIX. Pode-se, sim, considerar que alguns se inscrevem nos enciclopédicos, embora coexistam os que nos foram mais úteis, com características marcadamente mais românticas, não se podendo estabelecer um ciclo temporal eficaz para a sua classificação. Se conseguimos localizar algumas motivações nos campos do lazer e da aprendizagem, encontrámos sempre, igualmente presente, a vontade de instruir futuros interessados na mesma experiência. São os casos de Kinsey e de Kingston. O primeiro informa-nos, no prefácio da sua obra, de que o objetivo da sua visita se relacionava com a recolha de factos interessantes através da sua observação pessoal, pretendendo dar a conhecer aos ingleses os costumes e usos dos portugueses (Kinsey, 1828: vi). Simultaneamente, revela-se uma personalidade com sentido de viajante, pois valoriza o ato de viajar, como fonte de conhecimento e de aprendizagem, apesar das contrariedades que se encontram nesta atividade lúdica (Kinsey, 1828: 13). Kingston mostra também muito cedo um evidente gosto por viajar o que revelaria através da publicação de diversas narrativas de viagem. Desejava abarcar muitos pontos de interesse diferentes, deixando-se levar pelas suas anotações tomadas durante as viagens, completando um *Guide-book to travellers* (dedicado a *english readers* para aperfeiçoarem o conhecimento acerca do país), ilustrativo do estado político, social e religioso dos portugueses (Kingston, 1845, I: v).

4.1. Território: água, solo e vertentes

A nossa abordagem, no presente estudo, estará sempre mais próxima da região designada no início do século XIX por “País Vinhateiro do Alto Douro”; os limites da região produtora de vinho do Alto Douro e o levantamento cartográfico do seu espaço são representados tardiamente, aquando da publicação, em 1843, do *Mappa do paiz vinhateiro*.

Nos finais do século XVIII, Murphy introduz as condições da navegabilidade do rio Douro e a ideia do termo do território, pois, de facto, a 22 léguas do Porto, o Cachão da Valeira, em S. João da Pesqueira, funcionava como o limite à navegabilidade do Douro, o que se repercutiu no espaço, dada a impossibilidade de escoamento da produção vinícola. Este ponto do Cachão vê-se refletido nas demarcações, quer nas Pombalinas (1757-1761), quer nas Marianas (1788-1793), e a sub-região a montante, hoje denominada Douro Superior.

Carnarvon, em 1827, confina sempre o *wine-district* como parte integrante de Trás-os-Montes, não se referindo ao Alto Douro. Já Kinsey, em 1828, mais documentado, vai construir o seu texto sobre o *wine-country* do Alto Douro e os *upper Douro wines*. Estas expressões inglesas seriam as que dariam título ao mapa de Forrester: *Map of the wine district of the Alto Douro* e à expressão *Paiz vinhateiro do Alto Douro*.

O valor excecional da Paisagem Vitícola Duriense (Figura 1) sempre assentou na unicidade da relação do homem com a natureza e na adversidade dos seus elementos – água, solo e vertentes (Aguiar, 2002: 146).

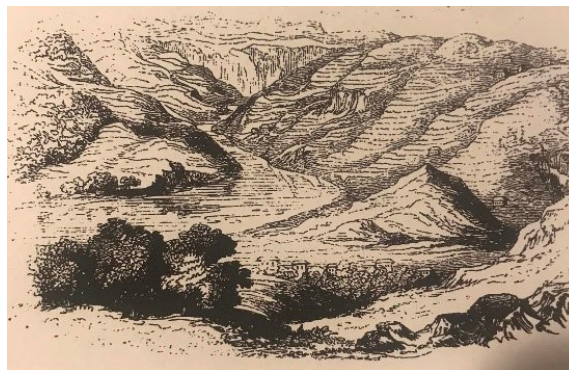


FIGURA 1.
View of the Alto Douro. Fonte: Kingston, 1845, I: 51

Estes elementos são recorrentemente referidos pelos viajantes e presentes nos seus relatos, e a observação do rio Douro surge quase sempre circunscrita à paisagem envolvente.

As características do rio Douro que mais impressionam os visitantes são a irregularidade do seu regime, as variações do seu caudal e o carácter de rio de montanha. Com as cheias súbitas e destruidoras.

Kingston atribui a tonalidade do rio e o amarelo das suas águas a estas chuvas abundantes, escrevendo: “The rio d’Ouro is, literally, the river of gold. I suspect however it gained its name from the colour of its waters after rain [...]” (Kingston, 1845, I: 61).

Todos se mostram impressionados com os vales profundos e os íngremes penhascos por onde corria o rio Douro.

Os registos dos viajantes reportam-se quase exclusivamente ao rio Douro, como se este fosse um elemento isolado, não sendo possível descortinar a densa rede hidrográfica da área em análise. O facto de os afluentes não serem navegáveis talvez seja uma das razões para a sua exclusão nas descrições do Douro.

O contraste entre as margens, a do Norte, mais soalheira e com mais vinha, e a do Sul, mais pobre, vai surgindo no discurso dos viajantes, quando estes se acercavam do rio Douro, ou seja, quando lhes era possível observar as duas margens em simultâneo. Kinsey refere a eleição da margem norte do rio como produtora do melhor vinho (Kinsey, 1828).

Kinsey diz-nos que as vertentes preferidas para a cultura do vinho eram de declive tão acentuado que a terra era suportada por pequenos muros que convertiam as vertentes da montanha em terraços (Kinsey, 1828: 328). E, para os viajantes, o surpreendente era observar os terraços, um atrás do outro, desde a água até aos cumes, acompanhando as curvas do terreno. Esta configuração “inclinada” do território chega a criar um desgaste no olhar do turista que, então, procura paisagens mais amenas, como o Peso da Régua (Figura 2).

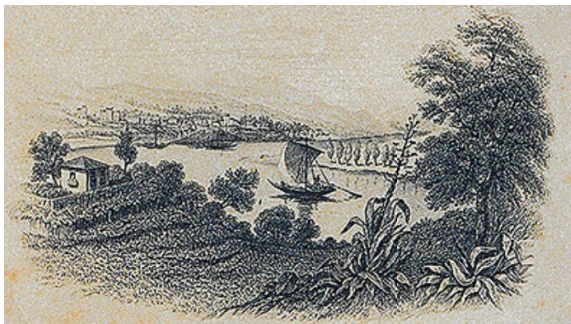


FIGURA 2.
Região. Fonte: Forrester, 1848, constante no *Mappa do Douro portuguez e paiz adjacente (...)*

Para além da paisagem predominante no Alto Douro, o esforço humano de adaptação da cultura da vinha às difíceis condições, como aprender a superar a escassez de água e o declive do terreno, é exposto pelos viajantes, tal como é referido nos relatos de viagem de Kinsey (Kinsey, 1828). Foi este esforço que levou, 173 anos depois, à inscrição do Alto Douro Vinhateiro na Lista do Património Mundial da UNESCO na categoria de Paisagem Cultural Evolutiva e Viva.

Mas, se os viajantes, na primeira metade do século XIX, eram unânimes em considerar que o vinho era a principal produção do terreno e que a forma assumida pelas vinhas no terreno era muito graciosa, frequentemente consideravam ser a união com outras espécies o que dava uma aparência pitoresca ao vinhedo, tal como nos descreve Kinsey:

After all, however, the most graceful form by far assumed by the vine, is when it united with the branches of the oak, the chestnut, the myrtle, or the cork tree, displaying itself in luxuriant festoons, and appearing to struggle with its ally for distinction. Intercepted among the vines are often seen orange, lemon, almond, peach, cherry, olive, plum, mulberry, fig, and chestnut trees, which add greatly to the picturesque appearance of the vineyard (Kinsey, 1828: 336).

O autor mostra-se impressionado com o facto de se encontrarem espécies mediterrâneas como citrinos, a oliveira e o sobreiro a estas latitudes e sob a influência atlântica.

No entanto, estas “outras” espécies não seriam tão frequentemente encontradas nos vinhedos onde os melhores vinhos eram produzidos, sendo que, nestas áreas, apenas se avistava vinha, originando monotonia. Kingston, em 1845, com o olhar cansado das vertentes intermináveis em terraços, encanta-se com a paisagem para leste do santuário de São Domingos do Monte Coxo pela sua diversidade: algumas montanhas coroadas de vinha, de algumas árvores, mas outras áridas e acidentadas, mais sombrias e verdes vales e riachos, intrincando o seu curso até ao rio.

Não se pode estranhar esta hiperconotação do vinho na paisagem, dado que seria esta a grande referência que os viajantes traziam no seu íntimo, o que, de certo modo, veio desertificar um pouco a paisagem descrita (Kingston, 1845, II: 166).

4.2. A navegação fluvial do Douro

Se, no começo do século XIX, a generalidade dos caminhos portugueses permanecia num estado obsoleto, resignados ao que a natureza havia cedido, no

interior, não existiam estradas merecedoras desse nome (Ferreira, 1999). Desta forma, as barcas de passagem tinham um papel muito importante na ligação que faziam entre as margens, nos diversos cais e portos, sendo, assim, possível prosseguir as comunicações.

Particularmente Kingston, porque circulou mais pelo Douro, desanimava com a lentidão nas deslocações na região. As problemáticas estradas do Douro fazem com que, já no fim da primeira metade do século XIX, estabeleça uma comparação entre a marcha nas viagens em Inglaterra e em Portugal (Kingston, 1845, II).

O autor reforça a ideia de que esta área empobrecida possuía recursos para se tornar um forte destino de visita, particularmente por ingleses, não fossem os maus acessos: “Should this road be formed, the Douro will be as much visited as the Rhine; and the English tourists, satiated with other beaten parts of Europe, will flock in crowds to Portugal, scattering their wealth over the now impoverished land” (Kingston, 1845, II: 360).

Comprovada a condição das vias terrestres neste território, a via fluvial torna-se a mais apetecível. Os viajantes também atribuem às vias fluviais um papel de fuga face ao isolamento a que a região se encontrava votada. E quem fazia esta viagem pelo rio considerava-a agradável e um escape às viagens terrestres proporcionadas no território português.

A circulação fluvial era vista pelos passageiros como relativamente ativa, com muitos barcos, descendo o rio cheios de vinho e subindo de regresso à Régua, carregados de pipas vazias (Figura 3) e de vários artigos de consumo para a população do país vinhateiro (Kinsey, 1828: 334-335).

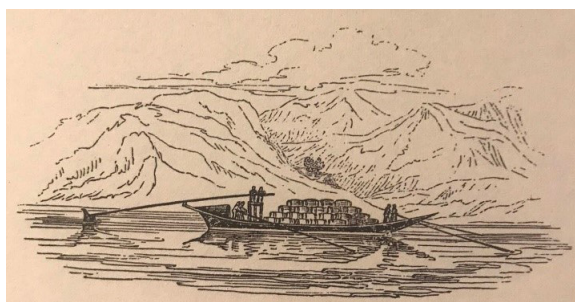


FIGURA 3.
The Wine Boat. Fonte: Kingston, 1845, II: 364

As maiores dificuldades em transpor os obstáculos eram observadas nas embarcações que subiam do Porto, para um qualquer porto do Cima Douro. O

movimento no rio era intenso, mas continuamente delicado, muitas vezes só exequível recorrendo a cordas e à força animal (Kinsey, 1828).

Os viajantes procuravam descrever os barcos de madeira, os rabelos, que navegavam no rio Douro (Figura 4). Curiosamente, detêm-se pouco em detalhes estéticos e mais em questões técnicas e práticas para o viajante.



FIGURA 4.
Um barco do Alto Douro. Fonte: Forrester, 1848, constante no *Mappa do Douro portuguez e paiz adjacente (...)*

Assim, segundo Kinsey, os barcos eram planos e baixos, o que seria inevitável, para poderem ultrapassar os baixios e contornar os rápidos com segurança. A tripulação era geralmente composta por cinco homens, um dos quais, aparentemente o patrão, estava encarregue do leme (Kinsey, 1828: 333). No período das cheias, descritas com frequência, a navegação muitas vezes era interrompida. De facto, são emocionantes os relatos das viagens empreendidas no rio Douro, face à necessidade de vencer a irregularidade do leito do rio, onde, além de cachões (saltos na corrente, formando turbilhões) e saltos (quedas de água) existiam muitos pontos (Figura 5) que comprimiam as águas contra as rochas, muitas vezes, escondidas pela subida do caudal (Cardoso, 1998: 119; Pereira, 2001: 6197).

Nesta primeira metade do século XIX, entre aqueles que visitavam o Alto Douro, um número substancial optava por regressar ao Porto pelo rio apesar das dificuldades de navegação. A navegação da Régua ao Porto durava dois dias, sendo possível encurtar esta duração, se o vento e o rio o permitissem. Kinsey tinha como objetivo chegar num dia e, como era inevitável ultrapassar numerosos baixios e enfrentar um vento desfavorável, embarcaram muito cedo (Kinsey, 1828). Começamos então a viagem na Régua, onde o rio era relativamente calmo. Carnarvon, contemplativo, quando entra no barco que o

transportaria até ao Porto, conta que a manhã estava deliciosa, sem nuvens, sendo a água de uma profunda cor verde. Observada do rio, a natureza parece-lhes mais variada e os viajantes comentam a vinha com a oliveira e os sobreiros. Com as vinhas a começarem a assumir a cor outonal vermelha (tinta), Carnarvon compõe: “The banks were hilly, and the windings of the river exhibited a succession of pleasing landscapes: terrace rose above terrace, and the vines beginning to assume the bright autumnal tint, formed a lively contrast to the grey clive and dark that stood in the background” (Carnarvon, 1836: 103104).



FIGURA 5. Ponto do Salto da Sardinha. Fonte: Forrester, 1848, constante no *Mappa do Douro portuguez e paiz adjacente* (...)

O ciclo e o alterar das cores da folhagem das vinhas, verde após o inverno, que se prolonga pela primavera e verão, para ganhar os tons outonais, depois da vindima.

A uma milha do ponto de partida na Régua, passavam pela colina vinhateira de Cambres, na outra margem, elevada sobre a Régua e limitando a linha do horizonte para o Sul. Olhando para trás em direção ao Peso, Kinsey observa as numerosas montanhas, esguias e distantes, como que marcando a direção e os limites do País do Vinho, ou seja, as manchas sucessivas de vinha pelos montes. Após Moledo, aproximam-se das quedas. Kinsey é exemplar na descrição da sua aventura, salientando o barulho das correntes, a gritaria dos homens do barco e as apreensões constantes, traduzindo respeito e prazer em simultâneo (Kinsey, 1828: 339).

Kinsey descreve que as matas que adornavam as margens rochosas do rio abundavam de rolas e rouxinóis. O cenário do Alto Douro consistia, como já se referiu anteriormente, em pinheiros, carvalhos, castanheiros e oliveiras, entremeadas, por sobreiros e mirtos. Mas, à medida que avançavam, a paisagem

compreendia rochas completamente destituídas de vegetação em contraste com árvores até aos cumes das montanhas.

Mas não havia muito tempo para grandes considerações, pois, na área de Barqueiros, entravam nos rápidos e em estranguladas passagens, onde o rio corria por um estreito canal, envolto, de ambos os lados, por “black and inaccessible rocks of granite, iron, and basalt” (Carnarvon, 1836: 104). Em muitos locais, as rochas assumiam uma grotesca aparência, com formações singulares e estranhas formas; de facto, estas estariam perfuradas e trabalhadas pela constante ação da água. Kinsey descreve o cenário rochoso do Douro como muito característico, possuindo uma faceta que considera quase terrífica: “There is a wildness about it almost terrific” (Kinsey, 1828: 340).

Desta forma, o cenário, ao longo das margens do Douro, a pouca distância da Régua, é descrito como harmonioso, mas selvagem, e, a contrastar com a serenidade da paisagem, irrompia grande excitação na passagem dos rápidos ou saltos. A água, num espaço confinado, corria entre altos penhascos, sobre acidentadas pedras. As ondas espumosas saltavam alto, salpicando o barco, que se lançava para cima e para baixo; eram momentos de nervosismo para os viajantes; os rochedos escuros mostravam-se muito perto em cada margem, podendo a cada momento destruir o barco; porém, uma mão hábil guiava a vara do leme e, quando o barco parecia apressar-se para o “seu destino” (Kingston, 1845, II: 298), afastava-se da terra e o perigo passava.

Depois tudo acalmava. O cenário também assumia, progressivamente, um carácter mais suave; as margens, menos elevadas e mais abertas e cobertas de povoamento mais denso, são preenchidas por oliveiras, castanheiros e prados: há mais verde, manchas de pinheiros e hortas.

As propostas dos guias de viagem centram-se na descida do rio Douro, que, segundo os guias de viagem, era, já no início da segunda metade do século XIX, acessível e perfeitamente transitável. A viagem começava em Barca d’Alva, precisamente onde as margens são portuguesas. Deste ponto até ao Salto de Sardinha percorreria uma sucessão de enormes rochedos, com uma pernoita na Régua. Daqui podia-se chegar ao Porto em oito, doze ou dezasseis horas (Murray, 1852: 51-52).

Esta rota foi integralmente baseada no trabalho desenvolvido por Forrester, expresso no seu *Mappa do Douro portuguez e paiz adjacente*, de 1848. Este mapa inclui um outro mapa reduzido à escala de duas léguas por polegada, “a fim de mostrar o tempo que um barco pequeno gastava por legoa tanto no Verão como no Inverno”. Neste mapa, estão desenhadas as sinuosidades do curso do rio, marcados 210 pon-

tos de difícil navegação, como o temível Cachão da Valeira (Figura 6), assim como as léguas, estimadas pelos barqueiros desde a foz do rio Douro a todos os lugares onde havia barcas de passagem.

Para aqueles que pretendiam estar no rio apenas um dia, o pequeno itinerário de Lamego ao Peso seria agradável; obviamente que a descida e o seu encanto variavam com o tempo, com a quantidade de água no rio e com a capacidade do viajante em superar a fadiga provocada pelo barco (*Hints to travellers...*, 1852: 52).

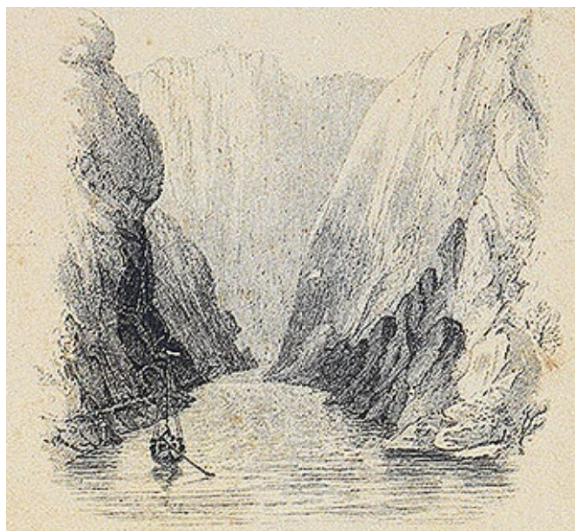


FIGURA 6. Ponto do Cachão da Baleira. Fonte: Forrester, 1848, constante no *Mappa do Douro portuguez e paiz adjacente (...)*

De facto, os guias, pelo seu carácter sintético e pelo facto de se apoderarem, sucessivamente, dos conhecimentos e relatos de viajantes, acabam por acrescentar pouco à nossa análise do Alto Douro.

O guia *Hints to travellers in Portugal* explica que, nas vertentes do Alto Douro, o cenário poderia tornar-se monótono, oferecendo pouca variedade, devendo os viajantes procurar conhecer a diversidade existente noutras porções do rio, mais graciosas (*Hints to travellers...*, 1852: 53). Destacam sobretudo a grandiosidade do rio Douro, mais do que a da vinha. Indiferente, o viajante não ficaria: “It were worth any person’s while to go to Portugal, if it were only to luxuriate in the never-ending beauties of this charming river” (*Hints to travellers...*, 1852: 53).

Obviamente que, durante a segunda metade do século XIX, a facilidade de navegação é notória, porque muitos dos impedimentos identificados no mapa são eliminados, mas a sua utilização por parte

dos viajantes não acompanhou este progresso devido à abertura da linha de caminho de ferro e no fim do século XIX começam a escassear as menções à utilização desta via.

Na verdade, apesar da linha férrea, o movimento fluvial continuava relativamente intenso. De acordo com Brito Aranha, nos finais do século XIX, ainda se observavam cerca de 800 barcos dos designados “barcos de carreira”, pois transportavam simultaneamente passageiros e mercadorias (Aranha, 1871: 204). Portanto, a par do seu aspeto peculiar, nada fazia esquecer a sua principal função, o transporte de vinhos até às caves em Vila Nova de Gaia, depreendendo-se pouca utilidade para uso turístico: “Néanmoins des barques à fond plat, en forme de navettes, pointues à chaque extrémité, font le transport des vins” (Gros, 1911: 194). Hoje, pelo contrário, a vocação é exclusivamente turística e conforme os dados pré-covid, em 2019, o número de passageiros foi de 1 645 133 (APDL, 2019). Existem a operar no Douro cerca de 186 embarcações que disponibilizam uma grande variedade de ofertas turísticas que vão desde o passeio simples de curta duração até ao cruzeiro semanal em barco-hotel de luxo. Mas tem-se verificado uma tendência de crescimento do número de turistas fluviais e da frota de embarcações navio-hotel para os cruzeiros turísticos:

Tipologia de embarcações	N.º Embarcações	%
Semirrígido/fibra/iate/veleiro	1	–
House Boat	0	
Pequeno porte	133	64%
Médio porte	14	7%
Grande porte	9	4%
Barco Rabelo	25	12%
Navio-hotel	26	13%
Total	208	

TABELA 2. Tipologia de embarcações no Douro. Fonte: APDL (2019)

Os barcos rabelos representam 12% do total da frota e 19% do total das embarcações de pequeno porte (Tabela 2).

No século XX, quando o transporte de vinho era já maioritariamente transportado pelo caminho de ferro, o rio mantinha alguma atratividade pela imponência e pela aventura, o que justifica que os guias as fomentassem. A viagem nos barcos era facilmente acessível se se contactasse um transportador previamente: “A voyage in one of these boats, which may be arranged by introduction to an Oporto wine-shipper, is an exciting experience, as much skill is required to navigate the rapids” (Muirhead, 1929: 277).

Nos anos seguintes, os guias vão escassear, mantendo a colagem à linha do Douro e à encruzilhada dos seus ramais, até esta informação deixar de ser útil nos guias. Em 1930, a viagem Porto-Barca d’Alva durava apenas 6 horas, tida como agradável e com grande beleza paisagística (Crockett, 1930: 325). Os caminhos de ferro haviam compreendido a importância do seu papel no desenvolvimento do turismo e, por tal razão, a informação acerca das linhas, condições, horários e pontos de contacto, estava agora disponível e com informação adicional em publicações específicas.

Na primeira metade do século XX, os transportes estavam instituídos e não tardaria que a essência dos guias de viagem sofresse um revés. Os guias deixam de propor itinerários e rotas ligados às vias de circulação e a preocupação centra-se na vivência local. O culminar desta mudança deu-se com o aparecimento de guias turísticos e literatura que contém leitura de entretenimento a par da descrição de lugares com o respetivo contexto histórico e cultural, abrangendo os habitantes locais e os seus costumes.

A viagem no rio Douro continuava a ser tida como uma aventura rara que conjugava a beleza das encostas com o aroma proveniente do vinho dos barris, e vai sendo repetidamente apresentada pelos guias da segunda metade do século XX de forma romântica, relatando as dificuldades e a necessidade de vencer a irregularidade do rio, onde, além de cachões e saltos, existiam muitos pontos que comprimiam as águas contra as rochas, muitas vezes escondidas pela subida do caudal (Cardoso, 1988: 119).

Denota-se, nos guias de viagem europeus do início da segunda metade do século XX, um retorno à imagem traçada do Douro e dos durienses provavelmente por força das políticas do Estado Novo face às tradições e ao turismo. Inesperadamente, voltava-se a impulsionar a descida fluvial do rio num barco rabelo, tida como uma rara e inesquecível aventura (Fodor, 1952: 405), mas, como já vimos, o rio já havia visto cair a sua vitalidade.

Esta imagem romantizada subsiste no tempo, mas, na verdade, a realidade era já outra, pois já era possível empreender esta viagem num barco a motor tal como nos explica Fodor, em 1960: “Ordinarily

it is enough to see all this in a motor trip” (Fodor, 1960: 404).

Sabemos que a construção de barragens e eclusas e a conseqüente regularização do caudal permitiram outra navegação mais segura. Hoje, cinco barragens permitem a gestão da água e o crescimento de uma nova prática – o turismo fluvial, mas agora em cruzeiros e em águas serenas.

As variadas formas de representação dos povos e espaços/lugares no mundo e como estão documentadas e relatadas ao longo dos séculos têm imenso impacto na configuração de como os turistas as imaginam e perspetivam. Deste modo, procurou-se fazer a aproximação dos relatos do passado e das leituras que o território em questão despertava nos viajantes, com a leitura presente e com a produção discursiva e opções promocionais atuais, numa análise qualitativa aos comentários do *TripAdvisor*. Na análise dos discursos presentes na promoção das excursões/cruzeiros/tours pelo vale do Douro e nas avaliações/opiniões dos viajantes, destacam-se os atributos constantes na Figura 7:



FIGURA 7.
Atributos nos discursos atuais

Nesta análise, muitos referem o “ainda” e a descrições perto das do século XIX. A paisagem, os socialcos, os vinhedos, o vinho e a sua história. A tranquilidade, o intimismo e o idílico numa região ainda hoje tão pobre.

Na verdade, nesta linguagem da imagem turística, Aramberri (2011: 326) fala de três R: romanticismo, regressão e renascimento. O romantismo refere-se aos objetos de desejo turístico, a regressão à promessa e à fantasia do regresso à simplicidade, e o renascimento

à ideia de natureza autêntica e do mito do genuíno. Mas, muitas vezes, os mitos, fazendo parte da tradição cultural de um povo, não são tão reais como parecem.

Mas era certa a aproximação da nossa leitura com a produção discursiva e opções promocionais atuais. Um estudo recente sobre os folhetos turísticos do Douro que também pretendia compreender de que forma são construídos a imagem e o imaginário do destino Douro nos folhetos turísticos, no que respeita à variável “natureza & paisagem”, os valores percentuais brutos revelavam a sua presença em 58,3% dos elementos textuais dos folhetos analisados. Os dados mostram que “água & rio” é uma variável presente em 46,2% dos textos dos folhetos turísticos, enquanto imagens alusivas a água e rio surgiram em 55,5% dos folhetos. No que se refere à “vinha & socalcos”, esta variável esteve presente em apenas 26,9% das descrições e em 37,8% das imagens, dando maior destaque ao rio do que à própria paisagem duriense patrimonializada (Bernardo; Mafredo & Pereira, 2021).

Nesta análise comparativa, podemos anuir que a imagem dos lugares, um fator fundamental na sua promoção, pode condicionar os discursos turísticos e os investimentos. Há uma constante reconstrução da imagem sobre o Alto Douro Vinhateiro na produção discursiva e opções promocionais atuais.

5. Conclusão

Para estabelecermos a imagem do rio Douro na primeira metade do século XIX, produzida por autores que percorreram e narraram esta região, tivemos que observar o universo dos viajantes e do viajar, em Portugal. E a história dos nacionais e dos estrangeiros foi-se associar, subtilmente, a esta análise. Para o fim proposto, trabalhamos os escritos dos viajantes estrangeiros, guias de viagem, as memórias de nacionais e os mapas. Consideramos que, por entre as opções metodológicas tomadas, uma das mais importantes foi o facto de se ter optado por analisar relatos diversos.

Neste exame, conseguimos compreender não só as particularidades de cada uma das fontes, mas, igualmente, aproximações distintas ao rio Douro da primeira metade do século XIX. Esta diversidade de materiais permitiu-nos uma viagem constante entre diferentes observações, o que possibilitou uma viagem com um único fim, mas com vários itinerários.

Há uma afinidade muito forte entre todos os relatos de viagem estudados, porque se denota sucessivamente que se releem e se reescrevem.

Procurámos viajantes que expressavam viajar sem imposições, para conhecer, para ver, para experimentar sensações. Mas, mesmo nestes, sentia-se

sempre uma vontade de regresso pré-anunciado ao seu quotidiano habitual: poucos ficaram muitas semanas, poucos aprenderam português, poucos se aventuraram em áreas pouco usuais. Todos se gabam de procurar nos locais as diferenças, particularmente das suas próprias referências, mas depois não sabem lidar muito bem com os constrangimentos associados a um país “mais atrasado” do que o seu: com maus acessos, com um povo possuidor de um modo de vida distinto.

Na verdade, as nossas leituras e itinerários nunca nos deixaram esquecer que, durante esse meio século, Portugal se encontrava dividido, instável e carregado de suspeição. Portugal, na primeira metade de Oitocentos, era para os portugueses um país desunido e incerto. Para os estrangeiros, era uma nação longínqua e exótica. E, para os viajantes, um território obsoleto, mas interessante.

Enquanto procurávamos visualizar o rio Douro, encontrámos a mancha de vinha e a área produtora de vinho, uma terra seca e acidentada, difícil de percorrer, repleta de vinhas e terraços. Imponente. Encontramos o confronto não com a riqueza e a abundância, mas com outra realidade mais adversa. Muitas vezes esquecem o trabalho de adaptação do homem a este ambiente e criticam a monocromia instalada que, por vezes, cansa-lhes o olhar.

Constantemente analisam o que a região não possuía em face do conforto necessário ao viajante, centrando-se nas dificuldades da viagem: que o afazer da viagem, especialmente para estas regiões mais recônditas era difícil de conceber. Deste modo, eram condicionados a realizar os itinerários mais seguros e comuns num barco rabelo com destino ao Porto. Mas mesmo esta viagem, embora com um balanço final agradável, era combativa e difícil.

Mais do que o encantamento face ao observado pelos viajantes, pretendeu-se transmitir a visão geral da paisagem envolvente do rio Douro e das suas vivências que se transportam até aos nossos dias. A viagem no rio Douro continua a ser tida como uma aventura rara que conjuga a beleza das encostas com o aroma proveniente do vinho dos barris, e vai sendo repetidamente apresentada, de forma romantizada na atualidade.

O viajante oitocentista, analisado, romântico, permite-se a sentimentos próprios, ocupando não só o lugar de narrador, mas também tecendo comentários acerca do seu estado de espírito. Tinham, como vimos, um espírito contemplador para com a paisagem.

Quando se encontram relatos menos rigorosos no seu conteúdo informativo e descritivo sobre os espaços, sente-se mais presente o espírito do romantismo e mais próximo do leitor.

A sua imagem romântica, tão fortemente divulgada no século XIX, subsiste no tempo e é o filão de ouro para o marketing do território duriense.

Hoje, tal como no passado, a viagem começa a ser encarada mais como uma experiência para a alma do que uma atividade intelectual, mais uma satisfação pessoal e individual do que uma experiência para benefício da sociedade, através dos conhecimentos acumulados. É o viajante em busca do extraordinário e do distante do seu quotidiano.

O artigo visou ilustrar o processo dinâmico de figuração cultural da região, que reflete a nostálgica visão do rio, dos socacos e da vindima. Apesar de o rio Douro possuir características turísticas específicas, vinculado a um eixo de identidade quase unitário, talvez se deva pensar na diversificação da imagem, atenuando estereótipos e redirecionando vocações para a sua nova funcionalidade: a turística.

Enquanto as representações turísticas se focam sucessivamente no vinho, um crescente aumento de procura turística “dita cultural”, com vontade de contacto com os locais e com o lugar e de conhecer os modos de vida das populações locais desde a sua própria autointerpretação, requer que a população local e o território sejam integrados no processo de desenvolvimento turístico, de forma efetiva, o que vem provar que o marketing territorial pode tirar partido de imagens simplificadas, mas pode também ser vítima desse mesmo reducionismo.

Bibliografia Geral

- [1] Adams, Percy G. (1983). *Travel literature and the evolution of the novel*. Lexington: Univ. Press of Kentucky.
- [2] Aguiar, Bianchi de (2002). O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural, evolutiva e viva, *Douro – Estudos & Documentos*, vol. VII (13), 2002 (3.0), 143-152.
- [3] APDL – Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo, S.A. – Estatísticas (2019). Disponível em https://douro.apdl.pt/apex/f?p=100:6:::6:P6_PAGINA_PO_BREADCRUMB_MENU:VIA_NAV_EST,ES-TATI
- [4] Aramberrí, Julio (2011). *Turismo de masas y modernidad. Un enfoque sociológico*. Madrid: CIS.
- [5] Bernardo, Edgar; Manfredo, M. & Pereira, Xerardo (2021). A representação da oferta turística do Douro nos folhetos turísticos dos postos de turismo. In Octávio Sacramento, Eduardo Gonçalves & Xerardo Pereira (Eds.), *Douro turístico: Representações e políticas* (pp. 187-216). Centro de Publicações ISMAI Press, CEDTUR, CETRAD, Universidade da Maia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- [6] Botton, Alain de (2004). *The art of travel*. Lisboa: Dom Quixote.
- [7] Buescu, Helena Carvalhão (1990). *Incidências do olhar: Percepção e representação*. Lisboa: Caminho.
- [8] Cardoso, António M. de Barros (1998). O Douro: Estrada fluvial nos alvares do século XVIII, *Douro – Estudos & Documentos*, vol. III (5), 1998 (10), 117-132.
- [9] Clara, Fernando (1991). Entre a literatura e a história: Verdade, ficção e verosimilhança. *Aspectos da História Luso-Alemã*, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/4014>
- [10] Coelho, Maria Teresa Pinto (2003). *O Portugal de 1834 e a Guerra Civil vistos por um inglês*. Lisboa: Livros Horizonte.
- [11] Coelho, Maria Teresa Pinto (1992). John Pemble, The mediterranean passion. Victorians and Edwardians in the South, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 2, 117125.
- [12] Fernandes, Didiana (2014). *A representação do Alto-Douro Vinhateiro nos guias de viagem estrangeiros (1845-1974)* (Tese de doutoramento). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro..
- [13] Ferreira, Joaquim de Barros (1999). Caminhos do pão e do vinho em Trás-os-Montes nos sécs. XVIII e XIX, *Estudos Transmontanos*, Vila Real, n.º 8, 163-216.
- [14] Kripka, Rosana Maria Luvezute; Scheller, Morgana & Bonotto, Danusa de Lara (2015). Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: Conceitos e caracterização, *Revista de Investigaciones UNAD*, 14 (2), 55-73.
- [15] Pereira, Gaspar Martins & Barros, Amândio Morais (2001). *Memória do Rio*. Porto: Afrontamento.
- [16] Rojek, Chris & Urry, John (1997). *Touring cultures. Transformations of travel and theory*. London: Routledge.

- [17] Serrano, María del Mar (1993). *Las guías urbanas y los libros de viaje en la España del siglo XIX. Repertorio bibliográfico y análisis de su estructura y contenido*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- [18] Vicente, Filipa Lowndes (2003). *Viagens e exposições: D. Pedro V na Europa do século XIX*. Alges: Editora Gotica.
- [33] Oldknow, Joseph (1855). *A month in Portugal*. London: Longman & Co.
- [34] *Portugal* (Murray's handbook for travellers in) (1856). London: John Murray, 2.^a ed.
- [35] Santa Clara, Anastácio de (1807). *Guia de viajantes ou roteiro de Lisboa: Para as cortes e cidades principaes da Europa, vilas e lugares mais notáveis de Portugal e Hespanha*. Lisboa: Of. de António Rodrigues Galhardo.

Fontes Primárias

- [19] Carnarvon, Earl of (Henry John George Herbert) (1836). *Portugal and Galicia: With a review of the social and political state of the Basque Provinces*, 2 vols., London: John Murray.
- [20] Costigan, Arthur William (1787). *Sketches of society and manners in Portugal (1778-1779)*, 2 vols., London: T. Vernor, Birchin-alne, Cornhill, s.d.
- [21] Crockett, William Day & Crockett, Sarah Gates (1930). *A satchel guide to Spain and Portugal*. London: George Allen and Unwin.
- [22] Fodor, Eugene (1960). *Spain and Portugal* (coleção Fodor's modern guides). London: Newman Neame.
- [23] Fodor, Eugene (1952). *Spain and Portugal*. New York: Travel cop.
- [24] Forrester, Joseph James (1848). *O Douro portuguez e paiz adjacente contando do rio quanto se pode tomar navegavel em Espanha*, sculp. W. Hughes. Londres: (s.n.) [assinado pelo autor].
- [25] Forrester, Joseph James (1843). *Mappa do paiz vinhateiro do Alto Douro*, grav. James Wyld; ded. a Senhora D. Maria II. Porto: António Maria de Magalhães.
- [26] Gros, Édouard (1911). *Espagne et Portugal*, Genève: Imp. J. Studer.
- [27] *Hints to travellers to Portugal, in search of the beautiful and the grand: With an itinerary of some of the most interesting parts of that remarkable country* (1852). London: John Murray.
- [28] *Itinéraire de l'Espagne et du Portugal: ou description géographique et historique de ces pays, avec leurs principales routes et les distances de chaque lieu à un autre, accompagné d'une carte ou plan routier, d'après les observations les plus modernes* (1809). Paris: Belin Fils.
- [29] Kingston, William Henry Giles (1845). *Lusitanian sketches of the pen and pencil*, 2 vols.. London: John W. Parker.
- [30] Kinsey, William Morgan (1828). *Portugal illustrated*. London: s.n.
- [31] Link, Heinrich F. (1803). *Voyage en Portugal, fait depuis 1797 jusqu'en 1799* (trad. do alemão), 3 vols., Paris: Levrault (1.^a ed., 1801).
- [32] Muirhead, Finlay (1929). *Southern Spain and Portugal: With Madeira, the Canary Islands, and the Azores*, Blue Guides. London: Macmillan, Paris: Librairie Hachette.